

PENSANDO O AMOR NUMA PERSPECTIVA SARTREANA¹

Vera Lucia Pereira Alves²

*"...o amor continua a ser uma região agreste para aqueles que a estudam e, para aqueles que a atravessam, continua a ser uma terra nova".
Ackerman*

O amor é um sentimento, uma emoção, que me interessa como tema de estudo há muitos anos. Desde minha graduação em Psicologia (no início dos anos 80), sentia falta de uma leitura e de uma compreensão mais ampla sobre o amor. Principalmente por considerar que este sentimento faz parte da essência do trabalho do Psicólogo: ou se trabalha com o sofrimento e a insanidade provocados pela sua inexistência ou com a importância e a repercussão de sua presença na vida das pessoas. Como bem enfatiza Ackerman *"qualquer um que pratique ou tenha se submetido à psicoterapia sabe, trata-se de uma profissão cuja mola mestra é o amor"* (1997: p. 179).

Entre as mais variadas formas e expressões de amor, a que me interessa estudar é a que se presentifica em relações que anseiam ou conduzem à conjugalidade, porque há dez anos venho trabalhando com Psicoterapia Conjugal e Familiar, assim como também desenvolvi uma pesquisa, no programa de mestrado, nesta área de atuação, o que me fez retomar com mais intensidade os questionamentos acerca do tema.

O casamento e a família estão há muito tempo em nossa cultura e no imaginário social, ocupando um espaço identificado como o

¹ Trabalho apresentado no III ENCONTRO DE PSICOLOGIA HUMANISTA DO INTERIOR PAULISTA, 29 de abril de 2001.

² Psicóloga e psicoterapeuta na ACP. Mestre em Psicologia Clínica pela PUCCAMP. Professora e supervisora de estágio em psicologia clínica na UMC. Doutoranda do programa de Pós-graduação da F.E da UNICAMP.

"habitat do amor". Verifica-se que o reconhecimento da existência do amor, como motivo para o matrimônio, apesar de aspecto característico do casamento moderno, já se fazia presente como um profundo afeto nos casamentos do século XIX, mas não antes, nos primórdios de sua existência - anterior ao século XIV - quando era justificado, segundo Macfarlane (1990), pela procriação dos filhos, como remédio contra a fornicação e como ajuda mútua necessária aos parceiros.

Também, segundo esse autor, foi com o reconhecimento do amor, como justificativa ao casamento, que ele se tornou possuidor de pressupostos que ainda carrega nos dias atuais, tais como a monogamia, a escolha individual de parceiro e a residência exclusiva para os cônjuges, assim como o propósito de satisfazer necessidades psicológicas, sociais e sexuais dos indivíduos, constituindo o chamado sistema malthusiano de casamento.

O espaço desse amor, ou do ideal de amor romântico em que se tornou, identificado com as relações conjugais, sempre teve sua manifestação muito bem explorada pelas artes, em geral e em particular, pela literatura - "cor de rosa" - como é citada em Alberoni (1988b). Ocorre que, nos dias atuais, o papel e a presença do ideal de amor vêm sendo questionados no que toca à conjugalidade. Goldberg, em um artigo de janeiro de 1996, enfatizava a "crueldade" com que esse ideal de amor teria se apresentado às pessoas e às suas relações conjugais, por ser, muitas vezes, inatingível na vida prática e cotidiana. Corroborando a ideia do autor, dados de uma pesquisa de opinião realizada, no mesmo ano pela revista *Claudia* (maio/96), situaram o amor como ocupando apenas o quarto lugar de importância entre os sentimentos presentes na conjugalidade dos entrevistados. Havia sido precedido pelo respeito, pela amizade e pela confiança (apud Alves, 1997).

Segundo a análise dos resultados dessa pesquisa, o amor dentro do espaço conjugal estaria sendo marcado por um inédito apeço pela solidez, neste final de século. Como aponta Vaitsman: "*o amor singular, eterno e dirigido a um indivíduo único e insubstituível, que povoa o*

imaginário social romântico e burguês do período de ouro da modernidade, parece ter ficado para trás" (1994: p.35).

Estará então surgindo uma "nova" forma/expressão de amor conjugal? Haveria muitas e variadas expressões para esse amor, bem como seus conceitos, que mudariam de acordo com as épocas? São várias as possibilidades de resposta e, nesta transição, também vários os dilemas que daí decorrem quanto à sua identificação.

No âmbito de minha prática de Psicoterapia Individual, encontro pessoas que se defrontam com as consequências da presença ou da ausência do amor em suas vidas, além de estarem, frequentemente "em guerra", acerca da identificação do amor. Não raro, clientes solicitam-me a definição e/ou a constatação de tal importante sentimento em suas vidas: "por tudo que te falei você acha que o (a) amo?" ou "será que ele (a) me ama? O que você acha?" ou ainda "isto tudo que estou sentindo é amor?".

O amor tem sido conceituado/identificado de diversas formas pelos teóricos. Alguns discutem em que categorias de sentimento, emoção se enquadraria. Como o faz Souza (1980 apud Brown, 1990), que o reconhecendo como incorporador de "*conjuntos complexos de sentimentos particulares, expectativas, modelos em longo prazo de convívio e sanções sociais não deveria ser pensado talvez, como uma emoção*"(p.10). Mas, se considerado como emoção, como no sentido de Aristóteles em *Retórica*, que a definia como "*todos aqueles sentimentos que alteram os homens afetando seus julgamentos e também acompanhados de dor ou prazer*" (apud Brown, 1990, p.11), ele seria, sem dúvida, uma espécie diferente, quando comparado àquelas emoções que não se titubeia em identificar, como, por exemplo, o medo diante de um assaltante armado.

Ainda, na tentativa de compreensão do amor, encontramos autores que o distinguem do enamoramento, como sendo uma "fase específica" do amor e de grande importância coletiva. Alberoni conceitua enamoramento como "*o estado nascente de um movimento coletivo a dois [...] não é um fenômeno cotidiano, uma sublimação da sexualidade ou um capricho da imaginação [...] é um caso especial de movimento coletivo.*

Não há dúvida de que entre ele e os grandes movimentos coletivos da história existe um elo bem estreito, pois o tipo de forças liberadas e atuantes pertence à mesma classe" (1988 a: p.5). Na analogia com o coletivo, segundo o autor: "Quando tudo corre bem, o enamorar-se termina no amor; o movimento quando triunfa produz uma instituição" (p.37), sendo então amor/enamoramento, neste contexto, percebido como uma força geradora de profunda riqueza coletiva.

Este sentimento/emoção complexo, em sua conceituação, propiciador de várias análises, é marca da humanidade das pessoas. Presente ou não na conjugalidade, faz parte desde cedo, na vida dos homens, na construção de sua identidade. *"Na psicanálise, o homem funda-se, a partir do amor, da primeira relação amorosa com a mãe [...]. No processo analítico, o amor é a condição para a cura e conduz à verdade do indivíduo. Portanto estamos cercados de amor. Por isso, talvez, possamos dizer: amo, logo existo" (Araújo, 1992: p.164).*

A complexidade do tema longe e antes de ser apenas teórica, é essencialmente prática. Quando inserida na cotidianidade das relações amorosas (namoros, casamentos), tem-se feito presente por uma característica bastante especial, a meu ver, (entre inúmeras outras, mas a que estarei abordando aqui) é a "necessidade" da semelhança e complementaridade entre os parceiros. Não raro encontra-se presente, no imaginário das pessoas, torna-se não só indício da presença do amor como também sinal de sucesso na relação. O encontro profundo, chamado amor, é via de regra o encontro com aquele que me reconhece de forma especial. Frequentemente identifica-se esse reconhecimento, esse amor, como só sendo possível quando fornecido por alguém semelhante, idêntico, complementar.

A literatura de autoajuda pode ser um exemplo bem atual da exploração massiva dessa ideia, via a metáfora do encontro entre duas "almas gêmeas". Mas há também a terminologia do senso comum que se refere às "duas metades da laranja", à "tampa para a panela", assim como o ritual católico do casamento que sinaliza que os dois semelhantes se

tornam apenas um, após o casamento (e assim se tornam pelo amor que os une!?).

Quando se pergunta a alguém por que ama seu parceiro(a), não é raro obter-se como resposta o fato de serem parecidos.

Em suma, o amor estaria assim estabelecido, de acordo com uma ideia de encontro total e pleno com o outro, sendo a plenitude decorrente do encontro como a "metade que falta". Um imaginário de amor-romântico, que se concretizaria numa relação perfeita, sem problemas, que a clássica frase dos contos de fada: "e foram felizes para sempre" daria conta de toda a descrição desta relação.

Entretanto a concepção que estou explorando, neste cenário, não é nenhuma novidade. Há alguns anos, têm se falado neste "ideal de amor" que não mais dá conta das atuais relações conjugais – Goldberg, a pesquisa citada no início deste texto, os livros de Jurandir Costa e textos de Gikovate, entre outros – mas, mesmo assim, ainda é desta forma que se preenche o imaginário do amor em nossa sociedade nos dias atuais. Pergunto-me, então, qual a função dessa ideia? A que necessidades pessoais/sociais estaria ela servindo para continuar presente nas relações amorosas? Por que só se poderia ser reconhecido de forma especial por alguém idêntico, complementar a si próprio?

Como uma tentativa de refletir essas questões, optei por uma análise que partisse de uma compreensão fenomenológico-existencial de ser humano, mais particularmente da ontologia fenomenológica de Sartre, que a meu ver, se não respondem essas questões, em muito contribuem para uma ampliação da reflexão.

Na intenção de tornar mais claro o texto e minha compreensão, faço uso fictício de uma situação para explorar a concepção de amor para Sartre:

JOÃO e MARIA – a construção, desenvolvimento e a desconstrução do amor

JOÃO e MARIA conheceram-se há alguns anos, casaram-se, porque sentiam que se amavam e identificavam esse amor, dizendo aos

amigos que lhes perguntavam, por que se amavam tanto. Respondiam que havia muito em comum entre eles. Descobriram tantas semelhanças que consideravam que haviam nascido um para o outro. E, assim, construíram sua relação conjugal, mas, tempos depois, foram ficando um tanto ressentidos um com o outro. MARIA dizia que JOÃO repentinamente havia deixado de amá-la, porque ele não compreendia o que ela fazia, suas intenções e atitudes. Ela achava que essa falta de compreensão só podia ser explicada pelo fim do amor: “pois isso não acontecia antes”, surpreendia-se ela; “se ele realmente gostasse de mim, eu nem precisaria explicar o que quero, ele me compreenderia...” JOÃO apontava queixas semelhantes, mesmo que se expressasse de outra forma.

Que então ocorria com JOÃO E MARIA?

Quando se conheceram, estavam numa festa na casa de amigos comuns. JOÃO que já havia notado MARIA, percebeu que ela o viu, deu-se conta de que ele ali estava. Passaram a conversar, falar de seus gostos, trabalhos, sonhos... Ele então ficou feliz, sentia-se reconhecido, existindo³. É óbvio que o olhar, a visão, a concepção que MARIA fez de JOÃO não era/é todo o JOÃO. Digamos então que MARIA viu um João, era a única possibilidade, só sendo possível do JOÃO Ter-se um João e de MARIA, uma Maria.

JOÃO, quando pensava, era como este João e passava a agir com MARIA pelo João que se percebia sendo e passava também a querer se apoderar dessa visão que ela tinha dele (a querer se apoderar de si mesmo). Mas esse apoderar-se só teria sido possível se ele também tivesse absorvido MARIA, pois JOÃO não “existia”, estava só no olhar de MARIA⁴.

³ Para Sartre, a pessoa só pode dar-se conta de si, só pode ver-se porque alguém a vê. Pode-se dizer que o ser humano só se sente existindo (só existe) quando há alguém para mostrar que lhe vê. “Este ser visto apresenta-se como a pura probabilidade de que eu seja neste momento esse isto concreto – probabilidade que só pode extrair seu sentido e sua natureza mesmo de provável de uma certeza fundamental de que o outro está sempre presente a mim na medida que sou Para-outro” (Sartre, 1997, p. 360).

⁴ ao mesmo tempo em que é a única possibilidade de ele existir, e de todos nós: pelo olhar do outro. Acaso João assim absorvesse MARIA, acabaria a alteridade “(...) a origem de minhas relações concretas com o outro: são inteiramente comandadas por minhas atitudes com relação ao objeto que sou para o outro. E, como a existência do outro revela-me o ser que sou, sem que eu possa apropriar-me deste ser ou sequer concebê-lo, esta existência irá motivar duas atitudes opostas: o outro me olha e, como tal, detém o segredo de meu ser e sabe que sou; assim o sentido profundo de meu ser, acha-se fora de mim, aprisionado em uma ausência; o outro leva vantagem sobre mim” (Sartre, 1997, p. 453).

Tanto JOÃO quanto MARIA eram livres para ver João e Maria, como quisessem, como lhes fosse possível. João percebia então MARIA como muito “poderosa”, e a ela estaria submetido, pois ela seria “detentora” de seu João....Mas, a recíproca era verdadeira – tudo que ocorria com um ocorria também com o outro – e, assim, João “detinha” Maria....e, além disso, João amava Maria e por ser esta a forma de relação que tinham – o amor – não podiam mesmo querer, ou melhor, não podiam mesmo conseguir se apropriar do outro, do amor do outro por si, pois assim estariam diminuindo esse amor, que viraria coisa, objeto e não mais subjetividade. Se João se apoderasse de Maria, estaria retirando-lhe sua liberdade. Liberdade que João queria, mas não a queria “roubando” de Maria, pois ele a amava e, assim sendo, não desejava que ela fosse sua “escrava”. João não queria ser proprietário da liberdade de Maria, como se ela fosse coisa; o que ele realmente queria era que ela usasse a liberdade que tinha e escolhesse para amá-lo (“por livre e espontânea vontade!!). João queria que Maria o amasse por escolha própria e queria amar Maria também dessa forma. João não podia se sentir amado por Maria, como se fosse escolhido entre outros, como se ela pudesse estar neste momento vivendo a mesma história de amor, acaso não fosse ele, mas, sim, outro que ela tivesse conhecido naquela festa. Ele queria que ela o quisesse como se tivesse sido feito para ela. E assim foi... assim que ele se sentia.

Bem, mas e com MARIA, como ela passou a amar João? Maria passou daquela mulher que era amada por João, a ser uma mulher que também amava João. MARIA sentiu-se vista por ele, quis apoderar-se da Maria que ela via que era ela.... (tudo que acontecia com um acontecia com o outro) e Maria passou a amar João, ela projetou ser amada por João, quando ela “deixou” João amá-la, quando quis ir de encontro à subjetividade de João, ir de encontro àquela “caixinha mágica onde João tinha Maria”⁵.

Entendendo-se amar como o projeto de se fazer amar.....então novo passo no desenvolvimento do amor entre João e Maria.

⁵ “portanto, o amor só poderia nascer no amado a partir da experiência que este faz de sua alienação e sua fuga para o outro”(Sartre, 1997, p. 467).

Maria não gostou nada de saber que o amor que João lhe tinha nada mais era que a necessidade dele em ser amado. Ela queria que ele a amasse, mas por ela e não por uma necessidade dele *. E aí poderíamos lhes dizer "ofereçam um ao outro um amor puro, sem nada pedir, sem reciprocidade, este é o 'verdadeiro' amor. Mas, de nada adiantaria.... É fato, é real que amar é querer ser amado⁶. E assim João e Maria foram às voltas com seus amores, casaram-se, sentiam-se felizes, pensavam que antes da presença do outro, em suas vidas, suas existências eram supérfluas, sem justificativa. Um sem o outro nem 'existiam'⁷, e que só agora existiam de fato.

Mas, essa 'dança' do amor pode ser interrompida, e o foi no caso deles. Andavam reclamando não serem vistos tão bem quanto eram antes pelo parceiro.... E o que então fez a dança parar? A negação da subjetividade do outro. Quando João ou Maria (não sei quem começou, mas importa saber?) passou a tratar o outro como objeto, passou a tentar reter o outro, a negar sua liberdade, João e Maria passaram a desbancar seu próprio projeto de vida – querer a liberdade do outro e ser querido nela.

Quando Maria ou João passaram a querer ser vistos exatamente da forma que queriam ser vistos, quebraram o jogo de espelhos. Cada um tratou o outro não mais como sujeito, como subjetividade, como o "dono daquela caixinha mágica". Eles também foram, simultaneamente, perdendo o poder pessoal, o poder de ser aquilo que escolheram ser, foram exigindo ser vistos como imaginavam ser (objeto) e não mais tudo que podiam ser (sujeito) e isto foi acontecendo à medida em que foram "retirando" o poder do outro....⁸.

João e Maria estavam em conflito, isto é, achavam que estavam vivendo um conflito, iludiam-se que tudo que tinham vivido, quando se diziam amando, também, não era conflito. Diziam-se em crise, buscaram ajuda para resolver seus impasses. João tentava de todas as formas que o psicoterapeuta pudesse ajudar Maria a vê-lo como ele era.

⁶ é facticidade como diria Sartre (1997).

⁷ é da essência do existir deles, a existência do outro (e de todos nós. Só existimos porque há o outro a nos olhar).

Maria achava que na psicoterapia, durante as sessões, poderia falar tudo que não dizia a João em casa e que, ali, ele voltasse a compreender exatamente como ela era. Ambos pensavam o psicoterapeuta como um bom "oftalmologista", que recuperaria seus olhares...". Como o psicoterapeuta era apenas psicoterapeuta, não agiria assim, só lhe restaria propor-lhes o resgate do exercício da liberdade, o exercício da convivência com o conflito. Ajudá-los a perceber que não podiam se esquecer de que a realização da liberdade é o

"enfrentamento do outro como sendo o outro, que é diferente, mas que pode ser integrado numa dimensão de reciprocidade que faz parte das condições histórico-sociais em que os sujeitos estão inseridos, caracteriza a dinâmica de uma práxis que quer lançar o indivíduo num mundo de reconhecimento mútuo, onde cada um encontra, a partir do reconhecimento, as condições da suprassunção de possíveis estados de reificação" (Lima, 1998, p. 68)

Bem, saindo desta ficção e tentando refletir⁹ as questões que se tornam reais no cotidiano do amor conjugal, retomo as questões colocadas anteriormente acerca do porquê de necessidades pessoais ou sociais na manutenção do imaginário de igualdade, complementaridade do "verdadeiro" amor.

Acredito, concordo, considero que o homem só existe porque há outros para vê-lo. Precisamos uns dos outros, é fato, assim como também é fato que isso gera, torna-se um conflito.

Surpreendo-me é com a dificuldade de lidarmos, convivermos com o conflito em nossa atual sociedade. Parece-me que, no decorrer da modernidade, por meio da tecnologia, não só nos faz acreditar e buscar o conforto, mas tentar a qualquer preço sofrer menos ou não sofrer.

Assim, também, parece-me que o amor, principalmente a ideia de amor romântico carrega esse mesmo mito em seu bojo: "Ache a alma gêmea, ela está em algum lugar e é a parte que te falta para atingir a felicidade completa". Mas, como aponta Sartre (1997), todos nós buscamos a mesma coisa uns nos outros o que gera conflito.

Todo o pensamento metafísico, em que nossas vidas estão inseridas, faz-nos acreditar que a linearidade, a ausência de conflito, de angústia é que trazem saúde, bem-estar. Parece-me que isso não é "toda a verdade". De alguma forma, esta ideia pareceria simplificar a vida social, via essa homogeneização. Também, de alguma forma, essa ideia passa a constituir o imaginário, a subjetividade pessoal. Na busca do parceiro, do

⁸ "quanto mais sou amado, mais perco meu ser, mais sou devolvido às minhas próprias responsabilidades, ao meu próprio poder ser" (Sartre, 1997, p. 470).

⁹ Essa reflexão é extremamente sucinta. A questão e o tema são por demais amplos e não era objetivo explorá-los em profundidade neste texto, mas, sim, caminhar na reflexão.

amado, há uma forte crença de que isso é real. Depois se descobre, como João e Maria, que não e aí é que se pensa estar num conflito. Doce ilusão!

Para esse impasse/crise, decorrente da constatação da diferença entre os seres humanos, da diferença entre os parceiros, a meu ver, há duas possibilidades de solução (entre outras). A primeira está bem expressa numa frase de Badinter (1988) em que ela afirma que atualmente a opção tem sido a de, em não podendo viver aconchegado com o outro, escolhe-se viver confortavelmente sozinho. Parece-me que essa opção mostra a concretização de relações, não entre sujeitos, mas sim entre objetos. A Segunda parece-me ser a do enfrentamento das diferenças a que se propõem alguns amantes na construção e manutenção de relações com pessoas pelas quais sintam-se reconhecidos, amados.

Possivelmente, há, haverá muito mais que essas opções. A potencialidade dos humanos, para buscar soluções, é vasta. Isso é facticidade, tanto quanto a de que serem humanos buscam serem amados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A NOVA CARA DO AMOR. *Revista Cláudia*, São Paulo, v. 35, p. 234-261, maio de 1996.
- ACKERMAN, Diane. *Uma História Natural do Amor*. Tradução Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 406p..
- ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e Amor*. Tradução Ary Gonzalez Galvão. Rio de Janeiro: Rocco, 1988 a. 107p.
- *O Erotismo*. Tradução Elia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1988 b. 234p.
- ALVES, Vera. *Atendimento de Casais: Descrevendo Processos*. Campinas, SP, 1997. 191p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, PUCCAMP.
- ARAÚJO, M. *Histórias de amor no cordel e psicoterapia*. São Paulo, 1992. 200p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, USP.
- BROWN, Robert. *Analisando o Amor*. Tradução Hitoshi Nomura. Campinas: Papirus, 1990. 121p.
- GOLDBERG, J. P. *O Exorcista do Amor*. *Revista IstoÉ*, São Paulo, v.1370: 5-7, 8/01/96.
- LIMA, Walter. *Liberdade e Dialética em Jean Paul Sartre*. Maceió: EDUFAL, 1998. 107p.
- MACFARLANE, Alan. *História do Casamento e do Amor*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das letras, 1990. 391 p.
- SARTRE, Jean Paul. [1943] *O Ser e o Nada* – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- VAITSMAN, Jení. *Flexíveis e Plurais* – Identidade, Casamento e Famílias em Circunstâncias Pós-Modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203p.

